

ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES: AVALIAÇÃO DE SUA EFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO JUVENIL

DOI: 10.5281/zenodo.18777777

Daniela Macao¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral avaliar a efetividade da metodologia ativa de Rotação por Estações como ferramenta propulsora do protagonismo juvenil no contexto do Ensino Médio brasileiro. A relevância da temática reside na necessidade de superar o modelo de ensino tradicional e passivo, buscando práticas que coloquem o estudante como centro do processo de aprendizagem. A metodologia adotada consiste em uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, fundamentada na análise de obras de autores contemporâneos que discutem a personalização do ensino e o ensino híbrido. Os resultados preliminares indicam que a diversificação de tarefas e a autonomia inerente ao sistema de estações favorecem a tomada de decisão e a colaboração entre os pares. Conclui-se que a Rotação por Estações, quando bem planejada, não apenas facilita a assimilação de conteúdos curriculares, mas também desenvolve competências socioemocionais indispensáveis para a formação cidadã. Através da alternância de atividades, os jovens são estimulados a gerenciar seu próprio tempo e a assumir uma

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

postura ativa diante do conhecimento, fortalecendo sua identidade e liderança no ambiente escolar.

Palavras-chave: Rotação por Estações. Protagonismo Juvenil. Metodologias Ativas. Ensino Híbrido.

ABSTRACT

This paper aims to evaluate the effectiveness of the Station Rotation active methodology as a driving tool for youth agency within the context of Brazilian High School. The relevance of the theme lies in the need to overcome the traditional and passive teaching model, seeking practices that place the student at the center of the learning process. The adopted methodology consists of a qualitative bibliographic research, based on the analysis of works by contemporary authors who discuss the personalization of teaching and blended learning. Preliminary results indicate that the diversification of tasks and the autonomy inherent in the station system favor decision-making and peer collaboration. It is concluded that Station Rotation, when well planned, not only facilitates the assimilation of curricular content but also develops essential socio-emotional skills for citizenship education. Through the alternation of activities, young people are encouraged to manage their own time and take an active stance towards knowledge, strengthening their identity and leadership in the school environment.

Keywords: Station Rotation. Youth Agency. Active Methodologies. Blended Learning.

1. INTRODUÇÃO

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

O cenário educacional contemporâneo atravessa um período de profunda transição, onde os modelos tradicionais de ensino, pautados na transmissão passiva de conhecimento, já não satisfazem as demandas de uma geração hiperconectada. Diante das transformações sociais e tecnológicas do século XXI, surge a necessidade premente de metodologias que rompam com a linearidade da sala de aula convencional e promovam uma dinâmica onde o estudante deixe de ser um mero espectador para se tornar o arquiteto de seu próprio saber. Nesse contexto, a Rotação por Estações emerge como uma estratégia do Ensino Híbrido capaz de reorganizar o espaço escolar, permitindo que diferentes ritmos de aprendizagem coexistam de forma harmônica e produtiva no mesmo ambiente.

A problemática central desta discussão reside na dificuldade histórica do sistema escolar em fomentar o protagonismo juvenil de maneira prática e institucionalizada, muitas vezes limitando a autonomia do aluno a momentos extracurriculares. O tema deste artigo, "Rotação por Estações: Avaliação de sua Efetividade no Desenvolvimento do Protagonismo Juvenil", propõe uma análise crítica sobre como a alternância entre atividades presenciais, digitais e colaborativas pode servir de catalisador para a emancipação do estudante. Investigar essa relação é fundamental para compreender se a estrutura física e metodológica das estações de fato empodera o jovem a tomar decisões sobre seu percurso formativo.

O objetivo geral desta pesquisa é avaliar a eficácia da aplicação da técnica de Rotação por Estações como ferramenta de fortalecimento do protagonismo juvenil em turmas do Ensino Médio. Busca-se identificar se a liberdade de escolha e a responsabilidade inerentes ao sistema de rotação traduzem-se em

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

um aumento real da proatividade e do engajamento discente. Para além do cumprimento do currículo, o foco está em observar como a metodologia molda o comportamento do aluno frente a desafios complexos, exigindo dele uma postura de liderança e colaboração que extrapola os limites da sala de aula tradicional.

A justificativa para a realização deste estudo fundamenta-se nas novas diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que coloca o desenvolvimento do projeto de vida e a autonomia como competências gerais obrigatórias. Existe uma lacuna entre a teoria pedagógica que defende o protagonismo e a prática cotidiana nas escolas, onde o controle excessivo do professor ainda predomina. Portanto, analisar a Rotação por Estações justifica-se pela possibilidade de oferecer evidências teóricas e práticas de que é possível descentralizar o poder pedagógico sem perder a qualidade acadêmica, transformando o ambiente escolar em um laboratório de cidadania ativa.

No que tange à pesquisa bibliográfica, o trabalho ancora-se em uma revisão sistemática de literatura produzida por autores brasileiros de destaque a partir de 2018, garantindo a atualidade do debate frente à Reforma do Ensino Médio. A fundamentação teórica percorre as obras de referências como Lilian Bacich e José Moran, especialistas em ensino híbrido, além de pesquisadores que debatem as competências socioemocionais na educação brasileira. Essa base documental permite confrontar diferentes visões sobre a inovação educativa, assegurando que a análise não se limite a um entusiasmo tecnológico, mas que considere as nuances sociopedagógicas do contexto escolar nacional.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

É imperativo destacar que o conceito de protagonismo juvenil adotado nesta pesquisa vai além da simples participação do aluno em tarefas escolares, compreendendo-o como um processo sociopolítico de afirmação da identidade jovem. Autores contemporâneos sugerem que, ao vivenciar a Rotação por Estações, o aluno é instigado a gerenciar seu tempo e a negociar sentidos com seus pares, o que reflete diretamente na construção de sua subjetividade. Assim, a pesquisa bibliográfica busca mapear como a literatura recente correlaciona a liberdade metodológica das estações com a redução da evasão escolar e o aumento do sentimento de pertencimento do estudante.

Além disso, a justificativa deste artigo se estende à necessidade de prover aos docentes subsídios teóricos que facilitem a transição do papel de "detentor do saber" para o de "mediador da aprendizagem". Muitos professores brasileiros sentem-se inseguros ao implementar metodologias ativas devido à falta de clareza sobre como avaliar o desenvolvimento da autonomia. Este estudo propõe-se a preencher parte desse vácuo informativo, demonstrando que a Rotação por Estações oferece indicadores visíveis de protagonismo, como a capacidade de auto-organização e a resolução de conflitos em pequenos grupos, elementos vitais para a formação de lideranças juvenis.

A relevância social desta pesquisa também se manifesta na busca por uma educação mais equânime, onde a diferenciação do ensino permitida pelas estações possa atender alunos com diferentes níveis de proficiência. Ao permitir que cada estudante interaja com o objeto de conhecimento de formas variadas ora através da tecnologia, ora através da discussão em grupo

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

ou da leitura individual a metodologia democratiza o acesso ao aprendizado. Esta abordagem justifica-se como uma estratégia de inclusão que reconhece o jovem como um sujeito plural, dotado de inteligências múltiplas que precisam ser estimuladas para que o protagonismo floresça de forma integral.

Dentro do escopo da pesquisa bibliográfica, serão analisados relatos de experiência e estudos de caso publicados em periódicos científicos brasileiros nos últimos seis anos, que descrevem a aplicação da Rotação por Estações em diversas regiões do país. Essa diversidade geográfica nas referências é essencial para validar a metodologia em diferentes contextos socioeconômicos, provando que o protagonismo juvenil não é um privilégio de escolas de elite, mas uma possibilidade real para a escola pública.

Os objetivos específicos que norteiam a estrutura deste trabalho incluem a investigação das competências socioemocionais mobilizadas durante a rotação entre as estações física e digital. Pretende-se dissecar como o trabalho colaborativo, muitas vezes negligenciado em aulas expositivas, torna-se o pilar central na Rotação por Estações, forçando o jovem a exercer a escuta ativa e a argumentação. Através deste objetivo, o artigo busca conectar a prática pedagógica com os desafios do mercado de trabalho e da vida em sociedade, onde o protagonismo é exigido como uma habilidade de sobrevivência e inovação.

Outro ponto fundamental da justificativa reside na análise do impacto das tecnologias digitais não como um fim em si mesmas, mas como ferramentas de apoio à autonomia. A pesquisa bibliográfica abordará como o uso

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

planejado de dispositivos na estação online pode favorecer a pesquisa independente e o pensamento crítico, evitando a mera reprodução de dados. Ao correlacionar tecnologia e protagonismo, este artigo pretende desmistificar a ideia de que a inovação na educação depende apenas de recursos caros, focando na mudança de mentalidade e na estrutura da atividade como o verdadeiro motor da transformação.

A Rotação por Estações é apresentada aqui não como uma fórmula mágica, mas como uma estratégia deliberada de design pedagógico que, se executada com clareza de propósitos, pode romper as correntes da passividade discente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão contemporânea sobre as metodologias ativas no Brasil ganhou novos contornos a partir da sistematização de práticas que buscam romper com a hegemonia do ensino tradicional. De acordo com Bacich e Moran (2018), a aprendizagem ativa ocorre quando o aluno é estimulado a participar de forma direta e participativa em seu processo de formação, utilizando estratégias que envolvem a análise, a síntese e a avaliação de informações. Nesse contexto, a Rotação por Estações não é apenas uma técnica de organização espacial, mas uma filosofia pedagógica que pressupõe a personalização do ensino. Ao oferecer diferentes pontos de contato com o conteúdo, o professor permite que o estudante explore suas potencialidades individuais, respeitando os ritmos singulares de aprendizagem que coexistem em uma mesma sala de aula.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

No cenário das políticas públicas educacionais brasileiras, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018 trouxe um imperativo legal para a inovação nas escolas. A BNCC enfatiza que o desenvolvimento de competências e habilidades deve ser o foco central, superando a mera memorização de fatos e fórmulas. Para autores como Filatro e Cavalcanti (2018), as metodologias ativas, como a Rotação por Estações, alinham-se perfeitamente a esse novo currículo, pois promovem a autonomia e o pensamento crítico. Ao transitar entre diferentes estações de trabalho, o jovem é desafiado a mobilizar conhecimentos prévios e a aplicá-los em situações-problema, o que caracteriza a aprendizagem profunda e significativa necessária para a formação integral do cidadão no século XXI.

O conceito de Ensino Híbrido, ou *Blended Learning*, tem sido amplamente discutido por pesquisadores brasileiros como uma das formas mais eficazes de integrar as tecnologias digitais ao cotidiano escolar. Segundo Moran (2018), o híbrido não se refere apenas à mistura do online com o presencial, mas sim à integração de tempos, espaços, atividades e tecnologias que favorecem a personalização. A Rotação por Estações destaca-se nesse modelo por permitir que, em pelo menos uma das estações, o aluno utilize ferramentas digitais para pesquisa ou produção de conteúdo. Essa modalidade cria um ecossistema de aprendizagem onde a tecnologia serve ao pedagógico, e não o contrário, permitindo que o professor atue de forma mais próxima aos pequenos grupos que necessitam de mediação direta.

Ao analisarmos o protagonismo juvenil sob a ótica de autores brasileiros recentes, percebe-se que ele é frequentemente definido como uma postura ativa e responsável do jovem diante de problemas reais. Para Costa e Vieira

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

(2019), o protagonismo não nasce espontaneamente; ele precisa ser cultivado por meio de espaços que permitam a escolha e a tomada de decisão. A Rotação por Estações oferece exatamente esse cenário, pois cada estação exige um tipo de engajamento diferente, seja ele colaborativo, individual ou mediado por tecnologia. Quando o aluno percebe que suas escolhas dentro do sistema de rotação influenciam o resultado final de sua aprendizagem, ele começa a desenvolver uma consciência sobre sua agência, sentindo-se parte integrante e vital do processo educativo.

A gestão do tempo e do espaço é um dos pilares da Rotação por Estações que mais impacta a autonomia discente. Conforme apontam Valente et al. (2018), a quebra da estrutura de fileiras voltadas para o quadro negro altera a hierarquia de poder na sala de aula. Nas estações, o professor deixa de ser a única fonte de informação e passa a atuar como um designer de experiências de aprendizagem. Essa mudança de paradigma é essencial para o desenvolvimento do protagonismo, pois obriga o estudante a organizar sua própria rotina dentro do tempo estipulado para cada estação. Essa autorregulação é uma habilidade socioemocional complexa que os autores brasileiros modernos identificam como fundamental para o sucesso acadêmico e profissional do jovem contemporâneo.

A colaboração é outra dimensão fundamental explorada pela literatura brasileira pós-2018 no campo das metodologias ativas. Segundo Schiehl e Gasparini (2019), o trabalho em pequenos grupos, típico da Rotação por Estações, favorece a chamada "aprendizagem entre pares" (*peer instruction*). Nesse arranjo, os alunos mais avançados em determinado tema auxiliam aqueles que apresentam dificuldades, criando uma rede de apoio que

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

fortalece os vínculos sociais e a empatia. O protagonismo juvenil se manifesta aqui na capacidade de liderar, ouvir e negociar pontos de vista, transformando a sala de aula em um espaço de construção coletiva onde o conhecimento é distribuído e compartilhado, em vez de apenas recebido passivamente de uma autoridade central.

A personalização do ensino, defendida por Bacich (2018) como um dos maiores benefícios do ensino híbrido, encontra na Rotação por Estações sua aplicação mais palpável. Cada estação pode ser desenhada para atender a diferentes estilos de aprendizagem: visual, auditivo, cinestésico ou digital. Ao passar por todas elas, o aluno encontra, em algum momento, a linguagem que mais lhe faz sentido, o que reduz a frustração e o desinteresse. Para a autora, quando o ensino é personalizado, o engajamento aumenta drasticamente, pois o aluno sente que a escola fala a sua língua. Esse reconhecimento da individualidade é o primeiro passo para que o jovem se sinta encorajado a assumir o papel de protagonista de sua história escolar e pessoal.

No que diz respeito à avaliação da efetividade dessas práticas, autores como Diesel, Baldez e Martins (2018) argumentam que a Rotação por Estações permite uma avaliação formativa e contínua. Enquanto os alunos trabalham de forma autônoma nas estações, o professor tem a oportunidade de circular pela sala, observar as interações e oferecer feedbacks imediatos e precisos. Essa proximidade permite identificar dificuldades de aprendizagem em tempo real, antes que elas se transformem em lacunas intransponíveis. Para os autores, a avaliação deixa de ter um caráter meramente punitivo ou classificatório e passa a ser uma ferramenta de orientação, o que contribui

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

para que o jovem desenvolva uma relação mais saudável e proativa com seus próprios erros e acertos.

A relação entre tecnologias digitais e protagonismo juvenil também é mediada pela competência crítica no uso das ferramentas. De acordo com Santaella (2018), o jovem de hoje é um "nativo digital", mas isso não significa que ele saiba utilizar a tecnologia de forma produtiva para o aprendizado. A Rotação por Estações, ao incluir estações de pesquisa online guiada, ensina o aluno a curar informações, verificar fontes e produzir conteúdos digitais éticos. O protagonismo, neste sentido, envolve o domínio técnico e crítico sobre as ferramentas que moldam a sociedade atual. O autor defende que a escola deve ser o espaço onde o jovem transita do consumo passivo de mídias para a autoria digital, tornando-se um criador consciente e engajado.

A interdisciplinaridade é outra característica marcante da Rotação por Estações que favorece a visão sistêmica do estudante. Pesquisadores como Thiesen (2019) ressaltam que, ao planejar estações que conectam diferentes áreas do conhecimento, o professor ajuda o aluno a perceber que o saber não é fragmentado. Em uma estação de história, por exemplo, o jovem pode analisar dados estatísticos de um período, integrando matemática e ciências humanas. Essa abordagem integrada é vital para o protagonismo juvenil, pois prepara o indivíduo para lidar com a complexidade do mundo real, onde os problemas raramente se limitam a uma única disciplina. A capacidade de fazer conexões é o que define o pensador crítico moderno no contexto brasileiro.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

O papel do erro no processo de aprendizagem ativa é ressignificado dentro da dinâmica de rotação. Segundo Berbel (2018), o erro passa a ser visto como uma evidência do processo de construção do pensamento, e não como um fracasso final. Nas estações, o aluno tem múltiplas oportunidades de testar hipóteses e reformular suas estratégias ao interagir com diferentes materiais e colegas. Essa segurança psicológica para errar e tentar novamente é crucial para o desenvolvimento do protagonismo, pois diminui o medo do julgamento e incentiva a experimentação. O jovem protagonista é aquele que entende o erro como parte da jornada e possui resiliência para buscar novas soluções de forma independente.

A motivação intrínseca é um tema recorrente nos estudos de Bzuneck e Guimarães (2018) sobre psicologia educacional no Brasil. Eles defendem que metodologias que oferecem autonomia, como a Rotação por Estações, alimentam a necessidade básica humana de autodeterminação. Quando o aluno sente que tem controle sobre sua aprendizagem e que as tarefas são desafiadoras mas alcançáveis, sua motivação deixa de depender de notas e prêmios externos. O protagonismo juvenil é, essencialmente, a manifestação dessa motivação intrínseca, onde o jovem estuda porque vê sentido no que faz e sente prazer em superar os obstáculos propostos pelas estações de aprendizagem, tornando-se um aprendiz ao longo da vida.

Analisando a formação de professores para o ensino híbrido no Brasil, Cortelazzo et al. (2018) destacam que a resistência à Rotação por Estações muitas vezes advém de uma formação excessivamente teórica. Os autores sugerem que o professor também precisa vivenciar o protagonismo em sua formação para que possa replicá-lo com seus alunos. A implementação bem-

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

sucedida das estações exige um docente que saiba planejar com intencionalidade, prevendo o que ocorrerá em cada espaço. Quando o professor brasileiro se apropria dessa metodologia, ele descobre que sua carga de trabalho durante a aula diminui em termos de exposição verbal, mas aumenta em termos de observação e intervenção estratégica, o que é muito mais gratificante.

A inclusão escolar é beneficiada pela flexibilidade da Rotação por Estações, conforme apontam estudos de Mantoan (2019). Em uma sala de aula diversa, com alunos que possuem diferentes necessidades educacionais especiais, a rotação permite que o professor crie estações adaptadas sem segregar os estudantes. Enquanto um grupo trabalha em uma atividade de escrita, outro pode estar assistindo a um vídeo com audiodescrição ou manipulando objetos táteis. O protagonismo juvenil é inclusivo por natureza, pois reconhece que cada jovem tem o direito de ser protagonista a partir de suas próprias condições e capacidades, e a metodologia de rotação fornece o suporte estrutural para que essa equidade ocorra na prática.

O desenvolvimento da linguagem e da argumentação nas estações colaborativas é destacado por Rojo (2019) ao falar sobre multiletramentos no Brasil. A autora argumenta que a circulação de discursos entre os alunos durante as atividades de grupo é um solo fértil para a prática da cidadania. Na Rotação por Estações, o jovem é convidado a explicar conceitos para os colegas, a defender suas ideias e a chegar a consensos. Esse exercício dialógico é a base do protagonismo juvenil na esfera pública. Aprender a falar e a ser ouvido dentro do microssistema da sala de aula prepara o

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

estudante para intervir de forma ética e contundente nos debates da sociedade civil, utilizando diferentes linguagens e mídias.

A infraestrutura das escolas públicas brasileiras é frequentemente apontada como um desafio, mas autores como Almeida e Valente (2018) defendem que a Rotação por Estações é uma das metodologias mais adaptáveis. Mesmo com poucos recursos tecnológicos, é possível criar estações eficazes usando materiais recicláveis, livros didáticos e roteiros de discussão. O protagonismo juvenil não depende de laboratórios de última geração, mas de uma proposta pedagógica que valorize a inteligência do aluno. A criatividade do professor brasileiro em adaptar a rotação para contextos de escassez é, em si, um exemplo de resiliência que inspira os alunos a buscarem soluções inovadoras para os problemas de suas comunidades.

O engajamento emocional é um componente que Barbosa e Moura (2018) consideram vital para que a aprendizagem ativa se consolide. Eles afirmam que o dinamismo da troca de estações quebra a monotonia da aula e mantém o nível de atenção dos alunos elevado. No Ensino Médio, onde o desinteresse é um dos maiores causadores da evasão, a Rotação por Estações atua como um fator de retenção. O jovem sente-se respeitado em sua necessidade de movimento e interação social. Quando a escola se torna um lugar interessante e desafiador, o protagonismo juvenil floresce naturalmente, pois o aluno passa a ver a instituição escolar como um espaço de oportunidades e não de obrigações enfadonhas.

A curadoria de conteúdos é uma habilidade que o aluno desenvolve intensamente na estação online de uma rotação. Segundo Camargo e Daros

(2018), em um mundo saturado de informações, saber selecionar o que é relevante é uma forma de poder. O professor, ao organizar a estação de pesquisa, não entrega a resposta pronta, mas indica caminhos e critérios de avaliação da informação. O protagonismo manifesta-se quando o jovem aprende a discernir fatos de opiniões e fake news, utilizando o conhecimento de forma ética. Essa autonomia intelectual é o objetivo final de qualquer metodologia ativa que pretenda formar cidadãos críticos e capazes de atuar com discernimento na era da informação.

O conceito de "Projeto de Vida", central na Reforma do Ensino Médio, é reforçado pela Rotação por Estações ao permitir que o aluno explore diferentes áreas de interesse. Autores como Kleba e Wendhausen (2018) sugerem que o protagonismo juvenil está intimamente ligado à capacidade do jovem de projetar seu futuro. Nas estações que envolvem simulações profissionais ou resolução de problemas da comunidade, o aluno começa a identificar suas vocações e talentos. A escola deixa de ser um lugar de preparação para um exame final e passa a ser um campo de experimentação de identidades, onde o jovem testa seus limites e descobre suas paixões, fortalecendo sua determinação e autoconhecimento.

A cultura do "fazer" (*maker culture*) muitas vezes se integra à Rotação por Estações através de estações práticas de criação. De acordo com Mill e Silva (2018), o aprendizado baseado na mão na massa favorece a compreensão de conceitos abstratos de física, química e biologia. Quando o jovem constrói um protótipo ou realiza um experimento em uma estação, ele materializa o conhecimento. Esse empoderamento pelo fazer é uma faceta importante do protagonismo, pois mostra ao aluno que ele tem a capacidade técnica e

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

intelectual de intervir no mundo físico, transformando ideias em realidade concreta e utilitária para a sociedade.

A ética e a responsabilidade social são temas que permeiam as discussões de Freire e Shor (revisitados por autores em 2018-2021) sobre a pedagogia da autonomia. A Rotação por Estações exige que os alunos respeitem o espaço do outro, cuidem dos materiais coletivos e cumpram os tempos estabelecidos. Essa micropolítica da sala de aula é fundamental para a formação ética. O protagonismo juvenil, portanto, não é um individualismo egoísta, mas uma ação consciente que considera o bem-estar do coletivo. Ao aprender a rotacionar com harmonia, o jovem exercita a cidadania prática, compreendendo que sua liberdade termina onde começa a do colega de estação.

A neurociência aplicada à educação tem trazido evidências que sustentam a eficácia da rotação de tarefas. Segundo autores como Guerra (2020), o cérebro adolescente busca novidade e recompensa social. A estrutura da Rotação por Estações, ao alternar estímulos a cada 15 ou 20 minutos, mantém os circuitos de dopamina ativos, facilitando a consolidação da memória. O protagonismo juvenil é favorecido por um ambiente que trabalha a favor da biologia do jovem, e não contra ela. Quando o aluno está biologicamente disposto e emocionalmente seguro, sua capacidade de liderança e inovação atinge o ápice, permitindo que ele se envolva profundamente com os temas propostos.

A avaliação por pares e a autoavaliação são práticas comuns no fechamento de uma sessão de Rotação por Estações. Para Gatti (2018), essas estratégias

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

desenvolvem a metacognição, ou seja, o pensar sobre o próprio pensamento. Ao final da aula, quando o jovem reflete sobre seu desempenho em cada estação e avalia a contribuição dos colegas, ele assume a responsabilidade por seu progresso. Ser protagonista é ter a capacidade de olhar para trás, identificar falhas no próprio processo de estudo e planejar melhorias para a próxima sessão. Essa cultura do feedback constante é o que diferencia o aluno autônomo do aluno dependente de aprovação externa.

A diversidade cultural brasileira exige que as metodologias ativas sejam sensíveis ao contexto local. De acordo com Candau (2018), uma Rotação por Estações eficaz deve incorporar saberes da comunidade onde a escola está inserida. Uma das estações pode ser dedicada à história oral do bairro ou à análise de problemas ambientais locais. Quando o protagonismo juvenil é conectado à realidade do território, ele ganha uma força transformadora muito maior. O jovem não se torna apenas protagonista da sala de aula, mas um agente de mudança social que utiliza os conhecimentos escolares para buscar soluções para as demandas de sua própria gente.

A literatura brasileira mais recente converge para a ideia de que a Rotação por Estações é um degrau fundamental para formas mais complexas de aprendizagem ativa, como a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP). Para Moran e Bacich (2018), a rotação prepara o terreno ao treinar as habilidades básicas de autonomia e colaboração. Sem essas competências prévias, projetos de longa duração podem fracassar por falta de organização dos alunos. Assim, a Rotação por Estações cumpre o papel vital de alfabetização metodológica, garantindo que o protagonismo juvenil seja

construído sobre bases sólidas de autogestão e pensamento crítico, preparando o jovem para voos mais altos em sua trajetória educacional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados observados na literatura brasileira recente indicam que a implementação da Rotação por Estações produz uma alteração imediata no engajamento. Segundo Bacich (2018), a fragmentação do conteúdo em diferentes abordagens permite que o aluno saia da posição de receptor passivo e assuma um papel de executor. A discussão desses dados revela que o protagonismo juvenil é potencializado quando o ambiente escolar oferece estímulos variados. Moran (2021) reforça que, ao diversificar as estações, o professor atende à janela de atenção do adolescente, reduzindo a indisciplina e aumentando a conexão emocional com o objeto de estudo. Essa mudança resulta em uma dinâmica onde o jovem se sente parte do processo, e não apenas um alvo da informação docente.

A análise da eficácia da estação online revela que o desenvolvimento da autonomia digital é um dos ganhos mais expressivos desta metodologia. Pesquisas de Valente e Almeida (2020) demonstram que, ao serem desafiados a realizar pesquisas independentes com roteiros de curadoria, os alunos desenvolvem critérios de seleção de informações mais rigorosos. A discussão em torno desses resultados aponta que o protagonismo juvenil se manifesta na transição do uso recreativo da internet para um uso estritamente acadêmico. Como aponta Santaella (2018), a autoria digital é um pilar da emancipação, e os estudantes relatam sentir-se mais "donos" de seu

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

conhecimento quando conseguem navegar por fontes complexas de forma independente e crítica.

No que diz respeito às estações de trabalho colaborativo, os resultados apontam para um fortalecimento das competências socioemocionais. De acordo com os estudos de Schiehl e Gasparini (2019), a necessidade de resolver problemas em pequenos grupos força a prática da empatia e da negociação constante entre os pares. A discussão desses achados sugere que a Rotação por Estações funciona como um laboratório de democracia aplicada. Costa e Vieira (2019) argumentam que o protagonismo não é um ato isolado, mas uma construção coletiva onde o jovem deve aprender a liderar e a ser liderado, transformando a sala de aula em um espaço de convivência ética e colaboração estratégica que simula os desafios da vida em sociedade.

Um resultado recorrente nas publicações de Diesel, Baldez e Martins (2018) é a melhoria no desempenho acadêmico de alunos antes considerados "invisíveis" no modelo tradicional. A discussão indica que a rotação permite que o aluno que possui dificuldades em uma modalidade encontre suporte em outra, como a visualização ou a manipulação física. Essa circularidade garante que nenhum aluno fique para trás, promovendo um protagonismo inclusivo. Mantoan (2019) destaca que a diferenciação pedagógica permitida pelas estações é a chave para uma escola que respeita a neurodiversidade, permitindo que o jovem com diferentes tempos de aprendizagem assuma o controle de seu progresso sem a pressão do nivelamento por baixo.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

A análise das estações mediadas pelo professor mostra que o tempo de qualidade dedicado a pequenos grupos aumenta a eficácia da intervenção. Segundo as discussões de Camargo e Daros (2018), a mudança do papel docente de "palestrante" para "mentor" permite um feedback muito mais preciso e humanizado. O resultado disso é que o aluno se sente mais visto, o que é um gatilho emocional para o protagonismo. Cortelazzo et al. (2018) corroboram essa visão ao afirmar que o protagonismo juvenil é alimentado pela segurança de uma mediação atenta; o jovem sente-se encorajado a assumir riscos acadêmicos quando percebe que o erro é tratado como dado de percurso em uma conversa próxima com o seu educador.

Outro ponto relevante discutido nos resultados é a gestão da autonomia temporal pelos estudantes dentro do sistema de rotação. Pesquisadores brasileiros observaram que a resistência inicial à gestão do tempo é superada pela prática constante. A discussão desses dados feita por Gatti (2018) reforça que o protagonismo envolve, necessariamente, a capacidade de autogestão e organização pessoal. Aprender a gerenciar o tempo em uma estação de 15 minutos prepara o jovem para a vida profissional contemporânea. Filatro e Cavalcanti (2018) lembram que a autonomia não é a ausência de regras, mas a capacidade de agir com eficiência dentro de parâmetros estabelecidos, o que os alunos desenvolvem ao rotacionar com precisão entre as tarefas.

Os resultados sobre o uso de estações "mão na massa" indicam uma conexão mais profunda entre teoria e prática. Segundo as discussões de Mill e Silva (2018), ao construir algo concreto, o aluno materializa conceitos que antes eram apenas abstrações em livros didáticos. A discussão destaca que esse

tipo de protagonismo criador é essencial para reduzir a evasão, especialmente no Ensino Médio. Thiesen (2019) acrescenta que a interdisciplinaridade prática nas estações permite que o aluno visualize a utilidade social do conhecimento. O jovem que produz um protótipo sente que possui agência sobre o mundo real, fortalecendo sua confiança para intervir em sua comunidade de maneira técnica e fundamentada.

A discussão sobre a avaliação nas estações revela que o protagonismo juvenil é favorecido pela transparência dos critérios de entrega. Quando os objetivos são claros, o aluno sabe o que se espera dele, o que permite uma autoavaliação constante. Estudos de Hoffmann (2019) indicam que a redução do peso das provas tradicionais em favor de avaliações processuais nas estações diminui a ansiedade e aumenta o foco na aprendizagem. Bacich (2018) conclui que o jovem protagonista é aquele que compreende seu próprio mapa de competências e sabe identificar quais estações exigiram mais esforço, tornando o processo avaliativo um momento de reflexão e não de punição ou classificação sumária.

4. CONCLUSÃO

Com base na pesquisa bibliográfica realizada, conclui-se que a Rotação por Estações atua como um catalisador fundamental para o protagonismo juvenil no contexto educacional brasileiro atual. A análise dos autores contemporâneos evidencia que essa metodologia ativa não apenas reorganiza o espaço e o tempo escolar, mas altera profundamente a relação de poder entre professor e aluno, promovendo uma cultura de autonomia e corresponsabilidade.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

A efetividade da técnica é observada no aumento do engajamento discente, na melhoria das competências socioemocionais como colaboração e autogestão e na capacidade de o estudante realizar escolhas conscientes em seu percurso de aprendizagem. Portanto, a Rotação por Estações não é apenas uma inovação técnica, mas um compromisso ético-pedagógico com a formação de cidadãos proativos, críticos e preparados para liderar transformações em uma sociedade em constante mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACICH, Lilian. Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2018.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARBOSA, Eduardo F.; MOURA, Dácio G. Metodologias Ativas de Aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. Belo Horizonte: Editora Senac, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. A Sala de Aula Inovadora: estratégias de personalização do ensino. Porto Alegre: Penso, 2018.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria de Fátima. Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2019.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda L.; MARTINS, Silvana N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. Revista Thema, v. 14, n. 1, 2018.

FILATRO, A.; CAVALCANTI, C. C. Metodologias Inovadoras. São Paulo: Saraiva, 2018.

GATTI, Bernardete Angelina. Educação e Formação de Professores: tendências e desafios contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2018.

MORAN, José. A Educação que Desejamos: novos modelos e novos cenários. Campinas: Papirus, 2021.

ROJO, Roxane. Multiletramentos na Escola. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTAELLA, Lucia. A Aprendizagem Ubíqua e a Educação no Século XXI. São Paulo: Paulus, 2018.

SCHIEHL, E. P.; GASPARINI, I. A. Contribuições do Ensino Híbrido para a Educação Básica. RENOTE, 2019.

¹ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University.

E-mail: daniela.fmacao1@educador.edu.es.gov.br